

DA AMAZÔNIA AO VALE DO RIBEIRA: O IMPACTO SOCIOAMBIENTAL DA CULTURA DA BANANA NA COMUNIDADE SAPATU

Marcelo Elias dos Santos
Centro Universitário Barão de Mauá
Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil
E-mail: santosmarceloelias@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1931-9754>

Recebido em 08-10-2021. Aprovado em: 28-03-2022.
DOI: 10.5380/guju.v8i1.83236

Resumo

A comunidade remanescente de quilombo Sapatu está localizada no Vale do Ribeira, no litoral sul do Estado de São Paulo. As comunidades que ocupam essa região desenvolvem suas próprias estratégias de uso dos recursos naturais mediante a observação e a experimentação. Os quilombolas transmitem o conhecimento tradicional de geração para geração ao executar suas atividades cotidianas. Para a comunidade Sapatu, o trabalho com a terra é baseado na mão de obra familiar e na necessidade de assegurar os produtos básicos para a sobrevivência das famílias. A principal atividade é a produção de banana orgânica, seguida das culturas dedicadas à subsistência, como arroz, feijão, milho, inhame, palmito pupunha e mandioca. Além da agricultura, os moradores se dedicam ao artesanato feito com a palha da bananeira e ao turismo de base familiar no Parque do Petar. Nesse contexto, a pesquisa teve como objetivo investigar o impacto socioambiental da produção de banana orgânica na comunidade. Para tanto, optou-se por mensurar a percepção dos produtores a partir da aplicação do Questionário para Povos e Comunidades Tradicionais (QPCT). Os resultados indicam que as comunidades com contratos de fornecimento de produtos da biodiversidade apresentam maior percepção financeira e social. Para a percepção ambiental não houve diferença significativa entre as comunidades comparadas.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais. Quilombolas. Sustentabilidade. Vale do Ribeira.

FROM THE AMAZON TO VALE DO RIBEIRA: THE SOCIO-ENVIRONMENTAL IMPACT OF BANANA CULTURE IN THE QUILOMBOLA SAPATU COMMUNITY

ABSTRACT

The remaining community of quilombo Sapatu is located in Vale do Ribeira on the southern coast of the state of São Paulo. The communities that occupy this region develop their natural resource use strategies through observation and experimentation. Quilombolas pass on traditional knowledge from generation to generation as they carry out their daily activities. For the Sapatu community, working with the land is based on family labor and the need to ensure basic products for the family's survival. The main activity is the production of organic bananas, followed by subsistence crops such as rice, beans, corn, yams, the heart of palm, and cassava. In addition to agriculture, the residents are dedicated to handicrafts made from banana leaves, and family-based tourism in the Parque do Petar. In this context, the research aimed to investigate the social and environmental impact of organic banana production in the community. Therefore, it was decided to measure the producers' perception through the application of the Questionnaire for Traditional Peoples and Communities (Questionário para Povos e Comunidades Tradicionais - QPCT). The results indicate that communities with contracts for the supply of biodiverse products have greater financial and social perceptions. For the environmental perception, there was no significant difference between the compared communities.

Keywords: *Traditional communities. Quilombolas. Sustainability. Vale do Ribeira*

1 Introdução

O Vale do Ribeira está localizado no litoral sul do estado de São Paulo em uma área de 1.711.533 hectares. Formado por 23 municípios, abriga uma vasta extensão da Mata Atlântica que compreende parques, reservas, litoral e diversidade cultural de povos indígenas, caiçaras, ribeirinhos e quilombolas. Essa região é considerada a menos desenvolvida economicamente e a menos povoada do estado, características de uma ocupação que priorizou atividades tradicionais de subsistência, como a agricultura, o extrativismo e a mineração (HOGAN et al., 1999).

A região do Vale do Ribeira é um espaço de formação e recriação de comunidades quilombolas (FAKIH, 2018), a natureza exuberante, o Rio Ribeira e a presença de fazendas e engenhos na região concentraram 21 comunidades identificadas pela Fundação Instituto

de Terras do Estado de São Paulo (ITESP, 2012). Elas desenvolvem suas próprias estratégias de uso dos recursos ambientais, mediante observação e experimentação e praticam o conhecimento sobre os processos naturais (CARDIAS, 2016), que é codificado na bagagem tradicional e transmitido de geração a geração a partir da tradição oral, mantida pela memória, história e etnicidade (AMÉRICO; DIAS, 2019).

Até pouco tempo, década de 1970, o termo quilombo estava associado à escravidão e se referia a espaços destinados ao refúgio dos rebeldes e locais de isolamento da população negra (CARDIAS, 2016). Foi a partir da Constituição de 1988 que o conceito de comunidades quilombolas passou por uma reformulação que culminou no termo remanescente de quilombo e afastou o binômio *fuga-resistência* instaurado no pensamento corrente. O novo termo remete a terras habitadas por negros e originadas de doações de antigos senhores, fazendas abandonadas com escravizados ou ainda terras de igrejas (CARRIL, 1997).

Nessa concepção, o termo remanescente surge como uma solução para a questão de *continuidade e descontinuidade* presente nas comunidades (CARDIAS, 2016). A denominação é utilizada para classificar e dotar as comunidades de direito do ponto de vista jurídico, pois, ao considerar os quilombos como remanescentes, reforça-se a comunidade e sua organização social, contrariando a visão disseminada dos quilombos como agrupamentos isolados de escravos fugidos, que não se trata de uma realidade estática sem relações, ao contrário, busca condições de vida (GOMES, 1995).

A Equipe de Articulações das Comunidades Negras do Vale do Ribeira (Eaacone) estima a presença de 57 comunidades quilombolas na região, somando aproximadamente dez mil famílias ou o equivalente a 54.600 mil pessoas somente na região (EAACONE, 2019). No município de Eldorado/SP encontram-se 14 comunidades quilombolas: André Lopes, Ivaporunduva, Sapatu, Pedro Cubas, Pedro Cubas de Cima, Poça, Abobral Margem Direita, Abobral Margem Esquerda, Bananal Pequeno, Engenho, Galvão, Ostra, Nhunguara e São Pedro. As três últimas se dividem entre os municípios de Eldorado e Iporanga.

A comunidade remanescente de quilombo Sapatu, objeto de investigação nesta pesquisa, remete às migrações de ex-cativos e libertos que habitavam o Vale do Ribeira em busca de novas terras, trabalho e moradia (GIACOMINI, 2010). Ainda que seja difícil identificar os grupos que se estabeleceram na região, é perceptível a conexão com os ciclos produtivos do ouro e do arroz apoiados em mão de obra escravizada e na produção de camponeses livres (FAKIH, 2018).

Barroso *et al.* (2010) esclarecem que durante muito tempo a região permaneceu à

margem do desenvolvimento econômico, sendo que a partir da década de 1960 começaram os primeiros projetos. Na comunidade Sapatu, a economia de subsistência segue uma lógica periférica aos processos econômicos. Firmando-se no trabalho da unidade familiar, produtora e consumidora, orientando-se essencialmente para a satisfação das necessidades do grupo doméstico (CHAYANOV, 1966). A produção e consumo apoiam-se em padrões horizontais, baseados no auxílio mútuo e na rede de solidariedade.

Para uma comunidade tradicional, o trabalho com a terra é sempre baseado na mão de obra familiar apoiando-se na necessidade de assegurar os produtos básicos para o consumo, utilizando-se de técnicas agrícolas e respeito ao meio ambiente. Para a comunidade Sapatu a principal atividade econômica é a cultura da banana, que faz parte da cultura quilombola e compõe a renda das famílias. Considerando a importância da cultura da banana, questiona-se: quais são os impactos da atividade na comunidade?

Recentemente as mudanças nas práticas agrícolas têm caracterizado uma situação de populações empobrecidas em áreas de grande diversidade (BARROSO *et al.*, 2010; PORRO; PORRO, 2015). Essas mudanças compreendem o aumento populacional e restrições impostas pela legislação ambiental que têm causado a intensificação da agricultura tradicional. Esse cenário conduz à descaracterização do território, atividades conflitantes, disponibilidade de recursos limitada e falta de estrutura (SANTOS; LIBONI, 2019).

Conforme Santos e Garavello (2016), apesar das mudanças socioeconômicas e culturais, os agricultores quilombolas têm mantido suas práticas agrícolas voltadas à produção de alimentos. Assim, resgata-se para esse estudo o entendimento de agroecologia, um campo do conhecimento de caráter multidisciplinar, que tem como objetivo articular o saber-fazer científico ao saber-fazer das comunidades rurais, como forma de potencializar práticas sustentáveis de agricultura (ALTIERI, 2004; GLIESSMAN, 2001). O conceito de agroecologia considera a participação das famílias agricultoras não apenas na execução de projetos e técnicas, mas no processo de construção do próprio conhecimento agroecológico (BIASE, 2016).

De acordo com Facundo *et al.* (2020), a agroecologia é o campo do conhecimento que possibilita harmonizar, interdisciplinarmente, as bases científicas para a transição de um modelo de agricultura convencional para modelos sustentáveis. Uma das questões centrais sobre a sustentabilidade é o fato de que a natureza não está respondendo harmonicamente à carga excessiva das ações antrópicas, e há consequências para a manutenção da vida no planeta. Diante das dimensões de sustentabilidade apresentadas por Elkington (2014),

ambiental, financeira e social, entende-se que atualmente as perspectivas devem ir além da tríade convencional, abrangendo as dimensões ecológica, espacial, cultural e política.

As dimensões que complementam as três dimensões clássicas da sustentabilidade são consideradas ao se tratar de temas como o conhecimento tradicional e o patrimônio genético das comunidades, protegidos pela Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) (BRASIL, 1998). Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo proporcionar maior familiaridade sobre o impacto socioambiental da cultura da banana na comunidade Sapatu. Assim, optou-se por mensurar a percepção dos produtores da comunidade Sapatu sobre a cultura da banana a partir da aplicação do Questionário para Povos e Comunidades Tradicionais (QPCT). O QPCT tem como característica ser aplicado em comunidades tradicionais que tenham um produto focal, e para as análises é considerado o histórico de aplicações a partir do qual são feitas as comparações.

2 Metodologia

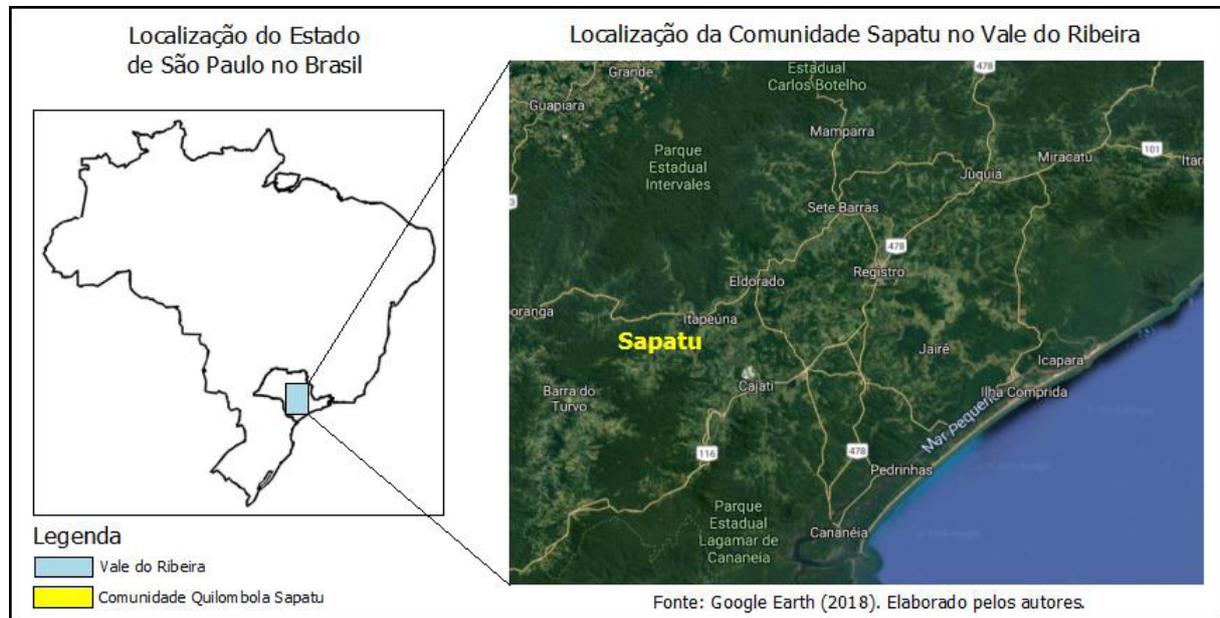
Esta é uma pesquisa exploratória descritiva com abordagem quantitativa. A pesquisa é exploratória porque teve como objetivo proporcionar maior familiaridade sobre o impacto socioambiental da cultura da banana na comunidade Sapatu. Também pode ser considerada como descritiva por apresentar características da comunidade. Por fim, a pesquisa tem uma abordagem quantitativa ao se valer do QPCT elaborado por Santos et al. (2019) e validado em quatro comunidades tradicionais amazônicas.

O desenvolvimento do QPCT teve início com a pesquisa sobre biocomércio de Santos e Liboni (2019) e, posteriormente, com a construção do instrumento em Santos et al. (2019). Os resultados das aplicações em quatro comunidades amazônicas encontram-se em Santos (2019), com a participação de duas associações e duas cooperativas: Associação dos Produtores Orgânicos de Boa Vista (APOBV), Associação de Produtores Rurais da Comunidade de Campo Limpo (APROCAMP), Cooperativa Agrícola Mista de Tome-Açu (CAMTA) e Cooperativa dos Fruticultores de Abaetetuba (COFRUTA).

A comunidade Sapatu está localizada a 35 km do centro do município de Eldorado-SP e ao longo das duas margens do rio Ribeira de Iguape, no Estado de São Paulo. A comunidade abriga 82 famílias em uma área de 3.711ha e subdivide-se em três núcleos: Cordas, que está próximo à parte alta do rio Ribeira, seguido de Sapatu e Indaiatuba, próximos à parte baixa do rio. Nas proximidades encontram-se as comunidades quilombolas

de Ivaporunduva, André Lopes e Pedro Cubas, Figura 1.

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE SAPATU NO VALE DO RIBEIRA



FONTE: Elaboração própria.

O QPCT é constituído por 38 questões, sendo 10 destinadas à caracterização e 28 destinadas a captar a percepção dos produtores nas dimensões financeira, social e ambiental. Seu principal objetivo é captar a percepção de produtores e extrativistas de comunidades tradicionais sobre o comércio de produtos da biodiversidade (SANTOS *et al.*, 2019). Sua aplicação foi aprovada pela Plataforma Brasil com o parecer n. 2.735.624.

No dia 27 de dezembro de 2018 o QPCT foi aplicado a uma amostra de 28 produtores, semelhante a Barroso *et al.* (2010). A aplicação foi realizada nas casas dos moradores com a explicação dos propósitos do questionário e autorização prévia dos participantes. Os questionários respondidos receberam número de controle e indicação do local de coleta, sendo tabulados em uma planilha do *software* Microsoft Excel.

A primeira análise apresentada é a caracterização da população, seguida de uma nuvem de palavras com os produtos mais citados pelos produtores. Na sequência, três tópicos apresentam as considerações sobre a percepção dos moradores em relação ao cultivo e comercialização da banana nas dimensões financeira, social e ambiental. Para cada dimensão foi realizada a análise das variáveis independentes com o cálculo das medidas necessárias (média, desvio-padrão, mínimo, mediana e máximo), para construção de um

Os moradores enfatizaram a prática do cultivo de banana na região onde vivem, sendo citada 28 vezes, seguida por “mandioca”, “pupunha” e “abóbora”. A nuvem de palavras derivada do software WordArt é uma abordagem fácil para identificar as palavras comuns em um ambiente complexo e foi utilizada nesse contexto para identificar os principais produtos (BIRKO; DOVE; ÖZDEMIR, 2015). Ela destaca os produtos mais cultivados em fontes maiores e em negrito, enquanto outros produtos menos comuns aparecem em fontes menores.

A organização do trabalho na comunidade Sapatu é familiar com a divisão das tarefas. Os homens se dedicam às atividades que exigem esforço físico, como o trabalho com a terra, corte, colheita e comercialização, e as mulheres cuidam da horta, animais e artesanato. Segundo Martins (1994), essa organização social, além de garantir a produtividade do sistema agrícola tradicional, tem uma função importante na conservação do meio ambiente.

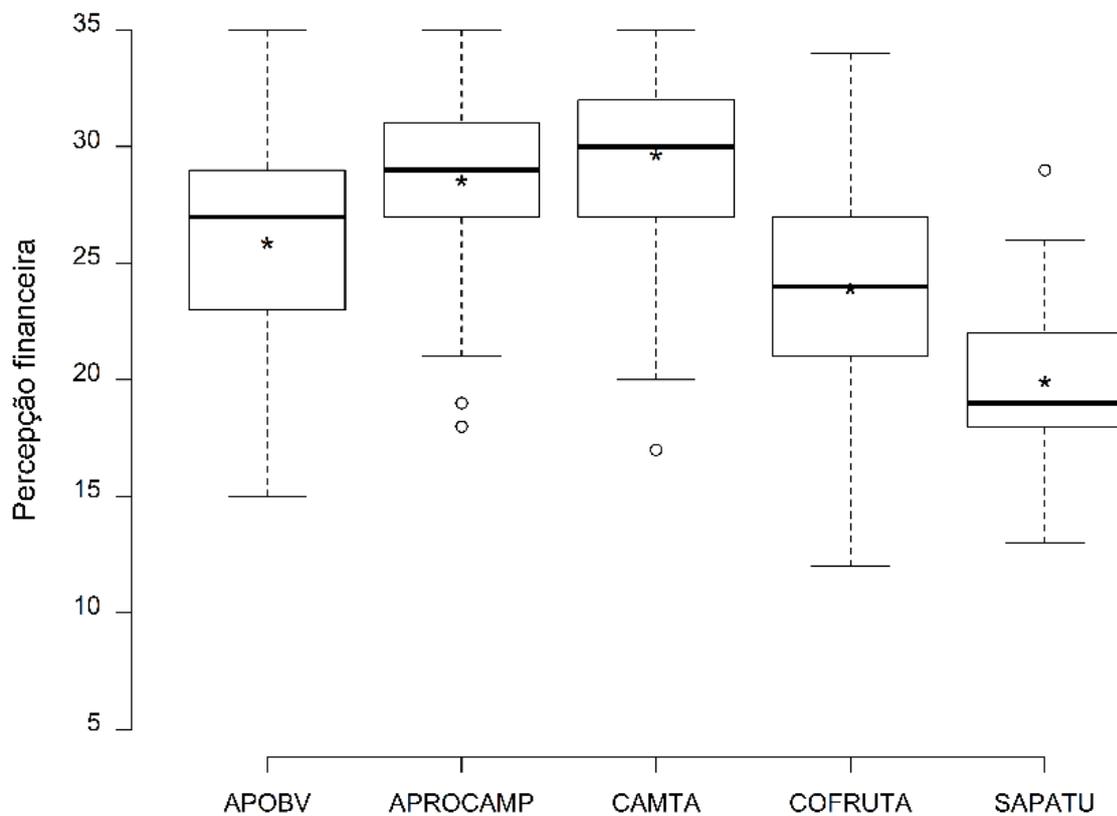
Durante a pesquisa, a população estimada para a comunidade foi de 280 moradores, sendo: 60% são do sexo masculino e 40% do sexo feminino; 39% tem idade entre 31 e 45 anos e 32% mais de 61 anos; 62% são casados, 14% viúvos e 4% solteiros; 18% não frequentaram a escola, 36% possuem o ensino fundamental I e 32% ensino fundamental II; 54% são agricultores e 19% aposentados; 50% das famílias possuem entre 3 e 5 pessoas; 71% dos moradores estão na comunidade há mais de 31 anos; 68% possuem pequenas propriedades e 21% grandes propriedades; os principais meios de transporte são ônibus 89% e bicicleta 11% e todas as famílias possuem renda mensal de até R\$ 880,00.

A (in)justiça do mercado quanto à precificação da banana

Os participantes da pesquisa demonstraram uma fragilidade presente em muitas comunidades tradicionais, a dificuldade em responder sobre a renda mensal (SANTOS, 2019). Diferente de comunidades que evitam o tema por questões culturais ou receio, a dificuldade neste caso foi informar um valor, considerando que recebem por safra e a renda é utilizada ao longo dos meses.

A maioria dos produtores informaram que os ganhos com a cultura da banana não são suficientes para manter as famílias, uma vez que os compradores é que estabelecem o valor a ser pago. Uma realidade diferente da apresentada por Fakihi (2018), ao afirmar que os quilombos são autossuficientes. Soma-se a este contexto a falta de um mercado estruturado com preço justo e investimento para ampliar a produção. Na comparação dos resultados do QPCT da comunidade Sapatu com as comunidades amazônicas, a percepção financeira ficou posicionada abaixo das médias das demais comunidades, conforme o Gráfico 1.

GRÁFICO 1: PERCEPÇÃO FINANCEIRA



FONTE: Elaboração própria.

Esse resultado significa que os moradores da comunidade Sapatu reconhecem menos benefícios financeiros associados à cultura da banana em comparação com as comunidades amazônicas e seus respectivos produtos focais: APOBV (pripioça), Aprocamp (estoraque), CAMTA (cupuaçu) e COFRUTA (açai). Apenas a cultura da banana não é suficiente para atender às necessidades das famílias, assim, verifica-se um sistema agrícola complexo mantido pela comunidade, que compreende a produção de arroz, milho, feijão, mandioca, batata doce, cana de açúcar, frutas cítricas, hortaliças e animais de pequeno porte, como galinhas, porcos, patos, cabritos e perus.

A maior parte dos produtos destina-se à dieta das famílias, mas também compõe uma reserva para gastos com vestuário e remédios. De acordo com os moradores, recentemente, muitas famílias passaram a vender suas criações para moradores do município de Eldorado. Além disso, passaram a ter um complemento de renda com o segmento Turismo Criativo, configurado como Turismo Rural Comunitário (TRC), Turismo de Base Comunitária (TBC) ou

Turismo de Base Familiar (TBF) (TEIXEIRA JUNIOR; FERRARI; FILIPPIM, 2020). Assim, entende-se que a cultura da banana, roça, ervas medicinais, artesanato, trilhas pelo Parque do Petar, e a culinária tradicional, cativam e despertam a imaginação de inúmeras pessoas, cabendo aos moradores decidirem pela inclusão ou não de seu território em área de visitação.

Para averiguar se há diferença significativa entre as comunidades, foi utilizado o Teste de Tukey para comparações múltiplas, conforme a Tabela 1. A presença dos três asteriscos na última coluna, Teste de Tukey*, indica que uma comunidade possui desempenho médio na dimensão financeira significativamente diferente da outra. Assim, CAMTA, APROCAMP, APOBV e COFRUTA apresentam desempenho médio diferente da comunidade Sapatu. Um dos motivadores para essa diferença é a existência de contratos de fornecimento de produtos da biodiversidade nas comunidades amazônicas, fato que mantém a produção e o fluxo de recebimentos por parte dos produtores com valores pré-estabelecidos.

TABELA 1: PERCEPÇÃO FINANCEIRA

Comparação	Diferença estimada	Intervalo de confiança simultâneo (95%)		Teste de Tukey*
CAMTA vs SAPATU	9,72	6,89	12,55	***
APROCAMP vs SAPATU	8,63	5,58	11,68	***
APOBV vs SAPATU	5,95	3,13	8,77	***
COFRUTA vs SAPATU	3,98	1,11	6,86	***

FONTE: Elaboração própria.

Durante as entrevistas ficou evidente que os moradores da comunidade Sapatu estão investindo no turismo criativo e artesanato como novas fontes de renda. Aproximadamente oito famílias estão envolvidas com as visitas ao território, tendo algum membro como monitor nos atrativos da comunidade e no Parque Caverna do Diabo. Essas atividades movimentam também outras famílias com a venda de refeições, artesanato e hospedagem. Os principais atrativos naturais compreendem a trilha Vale das Ostras, Queda do Meu Deus e cachoeira Sapatu. Os atrativos culturais são tráfico de farinha, Nhá Maruca, Festa de Santa Luzia e Festa de Nossa Senhora Aparecida. As celebrações Bandeira do Divino Espírito Santo, Entrudo, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia, São Sebastião e Via Sacra são as mais importantes.

Os participantes manifestaram o desejo de diversificar a produção para alcançar

melhor posicionamento no mercado local, além disso, houve menção à necessidade de uma agroindústria para processar a banana e outras frutas. De acordo com o grupo de moradores que defendem o projeto de uma agroindústria, essa iniciativa pode viabilizar a cultura da banana passa, banana frita (tipo chips), bala de banana e doce de banana mole, que é o produto mais tradicional da comunidade, ainda feito em tacho, embalado em palha de milho e conservado sobre o fogão a lenha, Figura 4.

FIGURA 4: PLANTAÇÃO DE BANANA (ESQUERDA) E PRENSA RÚSTICA (DIREITA)



FONTE: Elaboração própria.

Conforme Ianovali *et al.* (2018, p. 18), “qualquer projeto de desenvolvimento rural para estas comunidades deveria ser capaz de proporcionar a reprodução econômica e social das famílias, levando em conta a história e as particularidades dos territórios quilombolas”. Porém, na prática a banana é comercializada em pequenas quantidades e encontram-se muitas dificuldades relacionadas ao transporte, tratamento, classificação e embalagem. Segundo os moradores, esses problemas motivam a discriminação do produto por comerciantes e consumidores, que preferem comprar de grandes plantadores de banana.

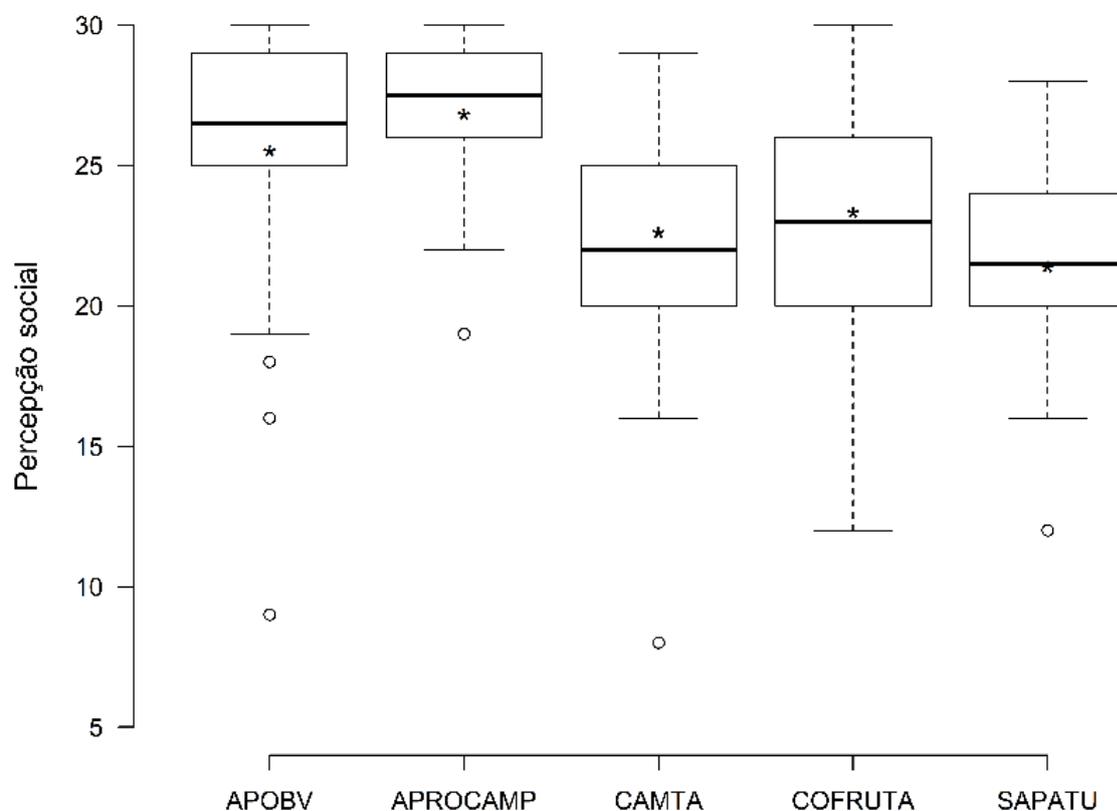
Lutas diárias e descaracterização da comunidade

O Brasil é o quinto maior país do mundo detentor de uma significativa biodiversidade e recursos naturais. É provável que, enquanto algumas áreas protegidas tenham tido sucesso na proteção cultural, outras falharam devido às pressões que agem sobre as culturas. No caso de Sapatu a tipificação frente à condição de remanescente de comunidade de quilombo permitiu à comunidade o direito à titulação de seu território, previsto em Brasil (2003, s/p), sob o enunciado: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Além disso, o Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas (PNAP) tem como diretriz assegurar os direitos territoriais das comunidades quilombolas como instrumento para conservação de biodiversidade (BRASIL, 2006).

Para a comunidade, a reconquista do território resgatou o modo de vida quilombola baseado no compartilhamento da terra, do quintal, da roça onde a família desenvolve suas atividades agrícolas e suas práticas cotidianas (SANTOS; GARAVELLO, 2016). De acordo com os moradores, foi uma oportunidade para retomar o patrimônio cultural, geralmente associados a ritos católicos. Américo e Dias (2019) destacam que as relações das famílias com o território estão interligadas com as decisões coletivas do uso da terra e seus recursos naturais, envolvendo a colheita e o plantio dos alimentos, as práticas de cura por meio das plantas medicinais, as festas religiosas e, por fim, a organização comunitária.

Em comparação com as comunidades amazônicas, os produtores de Sapatu expressaram grande indignação com a disputa permanente pelo direito às terras do quilombo, um obstáculo reforçado pela posse de pessoas de fora da comunidade. Conforme Américo e Dias (2019), a disputa territorial constante e a mobilização para impedir a implementação de novos empreendimentos afeta o modo de vida e as relações com a Mata Atlântica (AMÉRICO; DIAS, 2019). Quando somadas às outras demandas, como a ausência de um hospital, medicamentos e ambulância, os moradores apresentam uma baixa percepção social relacionada ao produto banana, conforme o Gráfico 2.

GRÁFICO 2: PERCEPÇÃO SOCIAL



FONTE: Elaboração própria.

Ao avaliar sua condição social a partir da cultura da banana, o morador expressa sua insatisfação com o esforço necessário para manter o território e as carências da comunidade. Os contratos de fornecimento de produtos da biodiversidade firmados pelas comunidades amazônicas, em parte, resolveram muitos problemas sociais históricos para as famílias envolvidas (SANTOS et al., 2019). As informações da Tabela 2 sugerem que para as associações APOBV e APROCAMP, os pagamentos correspondentes ao acesso ao conhecimento tradicional e patrimônio genético possibilitaram investimentos em infraestrutura, saneamento, moradia, transporte, saúde e educação, as mesmas carências de Sapatu.

TABELA 2: PERCEPÇÃO SOCIAL

Comparação	Diferença estimada	Intervalo de confiança simultâneo (95%)		Teste de Tukey*
CAMTA vs SAPATU	1,22	-1,36	3,80	
APROCAMP vs SAPATU	5,43	2,65	8,21	***
APOBV vs SAPATU	4,13	1,56	6,70	***
COFRUTA vs SAPATU	1,94	-0,68	4,56	

FONTE: Elaboração própria.

Nesse sentido, é significativa a diferença na percepção social entre os moradores das duas associações e a comunidade Sapatu. Na dimensão social, Santos et al. (2019) apresentam no QPCT proposições que remetem ao trabalho em conjunto para resolver os problemas da associação/cooperativa, a possibilidade de preservar o conhecimento tradicional vendendo matéria-prima e a valorização do produtor pelas empresas. Conforme os autores, a percepção social dialoga com os conflitos sociais, políticos, econômicos e geográficos com os quais as comunidades convivem.

Apesar das dificuldades, no quilombo Sapatu encontram-se os laços de sangue, vizinhança, amizade e a concordância no modo de pensar, características que definem comunidade segundo Cardias (2016). Além disso, o modo de vida na comunidade se baseia no compartilhamento da terra, mesmo havendo áreas de uso particular de cada família, como o espaço da casa, quintal e roça (SANTOS; GARAVELLO, 2016). As atividades de produção agroalimentar são essenciais para a reprodução das famílias, pois atendem à necessidade por alimentos, são uma fonte de renda e ainda contribuem para a conservação da sociobiodiversidade (SANTOS; GARAVELLO, 2016).

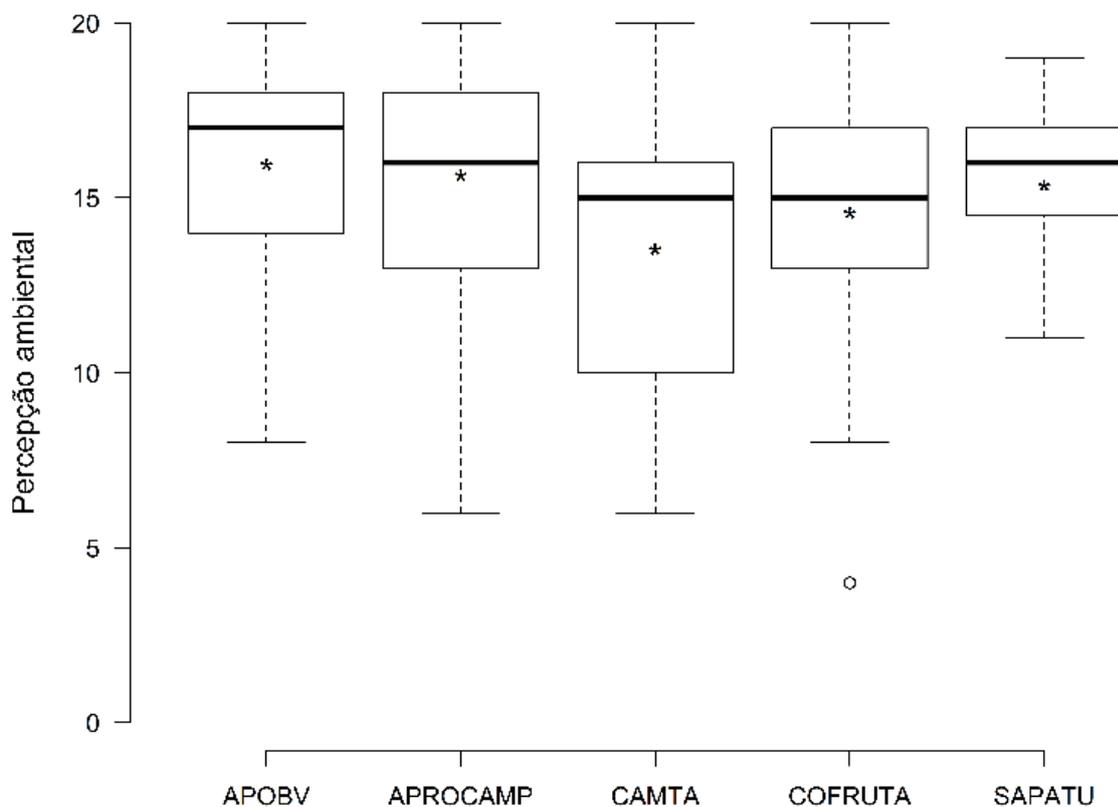
Em relação à organização da produção e comércio, os homens coletam os produtos, organizam os estoques, vendem e distribuem o lucro do negócio (SANTOS, 2015). Assim, cabe ao gênero masculino a relação com o meio exterior e ao gênero feminino a relação com o espaço interior (BIASE, 2016). Essa diferenciação de gênero também é notada nas atividades relacionadas ao turismo, em que o trabalho dos homens prevalece.

Homem e natureza são únicos no contexto da comunidade tradicional

A produção agrícola na comunidade Sapatu não excede a capacidade de suporte do ambiente, sendo o período de pousio adequado para a recomposição florestal. Esse sistema é uma forma sustentável de produção, que segundo Ianovali et al. (2018), abre clareiras na floresta para serem cultivadas por períodos de tempo mais curtos, implicando numa rotação das áreas.

Santos e Garavello (2016) concluíram que a viabilização das atividades de produção agroalimentar continuam sendo elemento essencial para a reprodução das famílias quilombolas do Vale do Ribeira, por ofertar alimentos, ser uma fonte de renda e conservação da sociobiodiversidade, demonstrando a importância das comunidades locais para a biodiversidade. Para a comunidade Sapatu, quando comparada com as comunidades amazônicas na dimensão ambiental, a percepção de proteção do meio ambiente manteve-se próxima a das associações e acima das cooperativas, conforme o Gráfico 3.

GRÁFICO 3: PERCEPÇÃO AMBIENTAL



FONTE: Elaboração própria.

Os moradores da comunidade quilombola declararam que a terra é carregada de história, do processo étnico-racial que seus antepassados viveram, sendo assim, é sagrada e passada de pai para filho para ser cuidada. A terra é um bem comum para a manutenção da vida coletiva das famílias, e a atividade agrícola desenvolvida reforça essa postura ao suprir as necessidades básicas com pouco excedente para o comércio.

Não houve diferença significativa entre as comunidades quando aplicado o Teste de Tukey, assim entende-se que as comparações não apresentaram diferença significativa no contexto da percepção ambiental. Embora as comunidades amazônicas apresentem maior percepção financeira e social (SANTOS, 2019), observa-se que a cultura da banana é uma atividade que contribui com a preservação do meio ambiente e com a manutenção do patrimônio cultural da comunidade.

O engajamento com as questões ambientais é uma realidade entre os moradores. É do relacionamento com os recursos naturais que se obtém a matéria-prima e se identificam as possíveis atrações turísticas. Com as fibras de taboa, cipó e bananeira é feito o artesanato nos teares doados para o projeto, que se encontram nas casas dos moradores, conforme a Figura 3. Quanto ao retorno, é de 10% para quem faz a venda dos produtos na feira e 5% para o fundo do grupo de artesanato.

FIGURA 3: BANANA (ESQUERDA) E ARTESANATO COM A PALHA DA BANANEIRA (DIREITA)



FONTE: Elaboração própria.

Para Santos (2015), do ponto de vista ambiental, a atividade artesanal com fibra de bananeira em comunidades quilombolas não causa danos à conservação do ecossistema e

dos recursos florestais locais. Na visão da autora, todos os esforços para o desenvolvimento rural têm como objetivo melhorar a qualidade de vida da população. As estratégias diferem de região para região, em Sapatu, o artesanato praticado pelas mulheres foi incorporado às atividades diárias e tornou-se um complemento à renda a partir da participação em feiras locais e regionais para expor os produtos.

Por fim, observa-se que a percepção ambiental dos moradores da comunidade Sapatu implica em uma série de desdobramentos para a região, como: mobilizações contra a implementação de Usinas Hidrelétricas (UHE), movimentos contra legislações ambientais excludentes, disseminação do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira, realização da feira de troca de sementes e mudas e o compartilhamento de experiências com a academia. Dessa forma, a comunidade sinaliza para um novo conceito de sociedade, baseado em valores comunitários e igualitários, visando a garantia de direitos fundamentais.

4 Considerações Finais

Essa pesquisa teve como objetivo proporcionar maior familiaridade sobre o impacto socioambiental da cultura da banana na comunidade Sapatu. Assim, optou-se por mensurar a percepção dos produtores da comunidade Sapatu sobre essa atividade a partir da aplicação do Questionário para Povos e Comunidades Tradicionais (QPCT). Os resultados do QPCT para a comunidade Sapatu foram analisados e comparados com os resultados de quatro comunidades amazônicas que já participaram de estudos com o mesmo instrumento.

Os resultados demonstram que a cultura da banana não é suficiente para suprir todas as necessidades das famílias, assim, é necessário cultivar lavouras de subsistência e criar pequenos animais nas propriedades que são vendidos nas feiras da região. A diferença significativa entre as médias das comunidades confirma que a percepção financeira é menor na comunidade Sapatu.

Do ponto de vista social, a comunidade Sapatu apresentou média menor que as demais comunidades. O fato de não ter contratos de fornecimento pré-estabelecidos e enfrentar dificuldades com a produção, transporte e venda dos produtos reduz significativamente a renda das famílias em comparação com comunidades que superaram essas dificuldades e impossibilita o investimento em habitação, infraestrutura e saneamento.

Na percepção ambiental, a comunidade Sapatu apresentou seu melhor desempenho. Observa-se a influência do conhecimento tradicional e a cultura de preservação

do meio ambiente difundida na comunidade e praticada na produção orgânica de banana, assim como o artesanato feito com a palha.

Por fim, destaca-se que as percepções capturadas pelo instrumento superam as três dimensões clássicas da sustentabilidade, abrangendo questões de ordem ecológica, espacial, cultural e política. Por maior que seja a amplitude da tríade financeira, social e ambiental, as dificuldades enfrentadas pela comunidade Sapatu influenciam e são influenciadas pela preservação do meio ambiente, questões territoriais, conhecimento tradicional e posicionamento político.

Para as próximas pesquisas recomenda-se a aplicação do QPCT em comunidades tradicionais que possuam contratos de fornecimento de produtos da biodiversidade e estudos sobre as atividades que podem gerar renda e preservar a cultura quilombola. Estudos dessa natureza são importantes para compreender de forma sistêmica o potencial da biodiversidade no contexto das comunidades tradicionais.

Referências

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFGS, 2004.

AMÉRICO, M. C.; DIAS, L. M. F. Conhecimentos tradicionais quilombolas: reflexões críticas em defesa da vida coletiva. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 9, n. 1, p.153-174, 2019.

BIASE, L. **Agroecologia quilombola ou quilombo agroecológico? Dilemas e territorialização no Vale do Ribeira/SP**. 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BARROSO, R. M.; REIS, A.; HANAZAKI, N. Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (*Euterpe edulis Martius*) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo. **Acta botânica brasílica**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 518-528, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998**. Promulga a Convenção sobre Diversidade Biológica, assinada no Rio de Janeiro, em 05 de junho de 1992. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. **Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. **Decreto nº 5.758, de 13 de abril de 2006**. Institui o Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas - PNAP, seus princípios, diretrizes, objetivos e estratégias, e dá outras providências. Presidência da República, Brasília, DF, 2006.

BIRKO, S.; DOVE, E. S.; ÖZDEMIR, V. A delphi technology foresight study: mapping social construction of scientific evidence on metagenomics tests for water safety. **PLoS One**, San Francisco, v. 10, n. 6, 2015.

CARDIAS, C. C. Fé e festejar: espaço, folkcomunicação e imaginário religioso nas comunidades quilombolas do

Vale do Ribeira –SP. **RIF**, Ponta Grossa, v. 14, n. 32, p. 68-84, 2016.

CARRIL, L. **Terra de negros, herança de quilombos**. São Paulo: Scipione, 1997.

CHAYANOV, A. V. **The Theory of Peasant Economy**. 1966, The American Economic Association Translation Series. Published by richard D. Irwin, Inc., Homewood, Illinois.

ELKINGTON, J. Enter the Triple Bottom Line. In A. HENRIQUES, & J. RICHARDSON (Orgs.), **The triple bottom line, does it all add up?** assessing the sustainability of business and csr. London: Earthscan, 2004.

EQUIPE DE ARTICULAÇÕES DAS COMUNIDADES NEGRAS DO VALE DO RIBEIRA (Eaacone). **Quilombos Vale do Ribeira**. Disponível em: <https://eaacone.webnode.com.br/quilombos-vale-do-ribeira/>. Acesso em: 02 out. 2019.

FACUNDO, A. L.; FALCÃO, C. L. C.; WITT, N. G. P. M.; FERREIRA, M. V.; FACUNDO, A. S. Sustentabilidade e Agroecologia: técnicas de convivência com o semiárido na comunidade Trapiá, Massapê, Ceará. **Caderno Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 9, n. 17, 2020.

FAKIH, T. **Políticas públicas e comunidades quilombolas**: o modo de vida quilombola na comunidade Sapatu. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (ITESP). **Comunidades Remanescentes de Quilombos**. Disponível em: http://201.55.33.20/?page_id=3483. Acesso em: 02 out. 2019.

GIACOMINI, R. L. B. **Conflito identidade e territorialização**: Estado e comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira de Iguape-SP. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Editora Universidade, 2001.

GOMES, F. S. **Histórias de Quilombolas**: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOGAN, D. J.; CARMO, R. L.; RODRIGUES, I. A.; ALVES, H. P. F. Desenvolvimento sustentável no Vale do Ribeira (SP): conservação ambiental e melhoria das condições de vida da população. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. II, n. 3 e 4, 1999.

IANOVALI, D.; ADAMS, C.; RIBEIRO FILHO, A. A.; KHATOUNIAN, C. A. Produtividade agrícola e mudanças socioculturais: a agricultura quilombola no Vale do Ribeira-SP Brasil. **Desenvolvimento Meio Ambiente**, Curitiba, v. 49, p. 221-238, 2018.

MARTINS, P. S. Biodiversity and agriculture: patterns of domestication of Brazilian native plant species. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 66, p. 219-226, 1994.

PORRO, R.; PORRO, N. M. Social identity, local knowledge and adaptive management by traditional communities of the babassu region in Maranhão. **Ambiente e sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 1-18, 2015.

SANTOS, K. M. P. **A atividade artesanal com fibra de bananeira em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira (SP)**. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2015.

SANTOS, M. E. **Desenvolvimento sustentável e o fornecimento de produtos da biodiversidade nas comunidades tradicionais da Amazônia**. 2019. Tese (Doutorado em Administração de Organizações) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

SANTOS, K. M. P.; GARAVELLO, M. E. P. E. Segurança alimentar em comunidades quilombolas de São Paulo. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 23, p. 786-794, 2016.

SANTOS, M. E.; LIBONI, L. B. Biocomércio em comunidades tradicionais: uma revisão sistemática. **Guaju**, Matinhos, v.5, n.1, p. 95-114, 2019.

SANTOS, M. E.; LIBONI, L. B.; CEZARINO, L. O.; OLIVEIRA, S. V. W. B. A percepção de povos e comunidades tradicionais sobre o biocomércio de produtos da biodiversidade: etapas para construção de um questionário. **Revista Expectativa**, Toledo, v. 18, n. 1, p. 17-43, 2019.

TEIXEIRA JUNIOR, D.; FERRARI, A. J.; FILIPPIM, M. L. Saberes quilombolas: a cultura alimentar do litoral norte do paraná e da mesorregião vale do ribeira como prática suscetível ao turismo de base comunitária. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável GUAJU**, Matinhos, v. 6, n. 2, 2020.